

A HOS-TI-PITALIDADE DO UM ANEL: UMA LEITURA DO CONCEITO DERRIDIANO NA OBRA O SENHOR DOS ANÉIS*

Mariana Aparecida VENÂNCIO^v
Humberto FOIS-BRAGA^w

RESUMO

A sociedade do Anel (2019a [1954]), primeira parte da trilogia **O Senhor dos Anéis**, de J. R. R. Tolkien, é uma história sobre jornada, viagem, hostilidades e hospitalidades. O presente artigo examina de que modo se organizam as relações de hospitalidade ao redor de um dos protagonistas da trama: o Um Anel, que se apresenta como objeto animista, posto que contém o “mana”, isto é, a energia de Sauron – seu criador. Por meio da análise de excertos da obra literária de Tolkien, mostramos que as principais expressões da hospitalidade oferecida ou recebida pelo Um aproximam-se, na verdade, do que o filósofo Jacques Derrida (1930-2004) chamara de hos-ti-pitalidade – a inevitável mescla entre hospitalidade e hostilidade à qual está sujeito todo acolhimento ao estrangeiro. Além da obra **A sociedade do Anel**, consideraremos também trechos da última parte da mesma trilogia, intitulada **O retorno do Rei** (2019c [1954]), além da narrativa sobre a origem do Um Anel, em **O Silmarillion** (2011 [1977]). A fim de embasar as discussões a respeito da hospitalidade, partimos das considerações filosóficas de Marie-Claire Grassi, Jacques Derrida e Emmanuel Levinas, além de retomar a definição previamente desenvolvida de hospintrialidade.

Palavras-chave: Hospitalidade. Hos-ti-pitalidade. Hospintrialidade. O Senhor dos Anéis. Um Anel.

* Artigo recebido em 01/06/2022 e aprovado em 11/07/2022.

^v Doutoranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: marianaavenancio@gmail.com.

^w Doutor em Estudos Literários. Professor Adjunto do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da mesma instituição. E-mail: humfois@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Publicada atualmente em três volumes, a obra **O Senhor dos Anéis** foi escrita por John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973) e veio a público originalmente em 1954. A saga conta a história da viagem empreendida por Frodo e seus amigos, desde o Condado até às Montanhas da Perdição, a fim de destruir o Um Anel – Anel de Poder forjado por Sauron para controlar todos os povos e com capacidade para mergulhar a Terra-Média na escuridão do mal. A história da criação do Um Anel é contada com detalhes em **O Silmarillion** (2011 [1977]), que reúne as principais narrativas mitológicas a respeito da origem dos povos da Terra-Média.

Por detrás de soleiras transpostas ou de fronteiras cruzadas, a viagem empreendida pel'**A sociedade do Anel** é perpassada pela problemática do acolhimento; por isso, a jornada pela Terra Média apresenta diversas cenas típicas caracterizadas por rituais de hospitalidade. Por exemplo, na casa de Tom Bombadil e entre os elfos habitantes das terras de Valfenda e Lothlórien, os heróis se tornam hóspedes de anfitriões dispostos ao sacrifício do bem acolher; já nas minas de Moria /Khazad-Dûm, habitadas por seres maléficos, a travessia dos viajantes é estruturada pela tensão da hostilidade.

É fundamental pontuar que, mesmo não sendo objetivo central do presente artigo, as noções de espaço e, mais especificamente, de território, tornam-se importantes como escopo teórico na obra analisada. Apesar da reconhecida complexidade e do caráter transdisciplinar do conceito de espaço geográfico, a noção aqui adotada o considera como resultado do desempenho do homem sobre a natureza, configurado como um sistema de ações responsáveis por alterar a própria natureza e a sociedade humana (SANTOS, 2002).

Na interface com a literatura, a representação do espaço não deve ser compreendida unicamente pelo processo de descrição da paisagem (aspecto visível do espaço), mas é necessário apreender significados, os sentidos dos lugares, as identidades territoriais e os sentimentos de desterritorialização e de envolvimento com o meio como aspectos a serem considerados ao se analisar o ritual de acolhida em uma determinada obra literária (MARANDOLA JR; OLIVEIRA, 2009). Enquanto uma qualificação do espaço e uma projeção espacial de uma relação de poder, o território é, no fundo, em si mesmo, uma relação social (SOUZA, 2015). Portanto, o

território como palco para as relações de hospitalidade consiste em uma relação social diretamente espacializada.

Para além do ritual externo de hospitalidade que constitui tais cenas, portanto, cabe destacar os acolhimentos em espaços interiores, aos quais denominamos hospintralidades (VENÂNCIO, 2019) – das quais o deslocamento físico é apenas um sinal daquele movimento psíquico, isto é, que ocorre na subjetividade destes heróis que caminham. Ainda além dos acolhimentos oferecidos e recebidos nos níveis da interioridade, encontramos as perversões desses acolhimentos, nos quais a rejeição, a traição, a perseguição e a dependência marcam a hospitalidade com o fardo da hostilidade, caracterizando a inevitável mescla que o filósofo Jacques Derrida (1930-2004) denominara hos-ti-pitalidade (DERRIDA, 2003).

O objetivo deste estudo será o de demonstrar, em um recorte, como a hos-ti-pitalidade aparece atrelada ao Um Anel, que, em nossa análise, será tratado como uma das principais personagens da trama. Exploraremos a hos-ti-pitalidade por dois vieses: i. aquela que ele recebe enquanto hóspede de um dedo que o usa; ii. e a que ele oferece enquanto anfitrião de uma mente que busca dominar. Antes, porém, de passar à análise literária de alguns excertos da obra de J. R. R. Tolkien, será indispensável um percurso filosófico de exame do conceito de hospitalidade e suas derivações.

2 HOSPITALIDADE, HOS-TI-PITALIDADE E HOSPINTRALIDADE

Hospitalidade, em latim, se diz *hospitalitas*. O termo vem do substantivo *hospitalis*, derivado de *hospes*, que era a palavra usada para designar aquele que recebe o outro, também sendo traduzido como “o senhor do hóspede”. São da mesma família de palavras os termos *hostis* – aquele que é hospedado – e *hostire*, que significa igualar (BENVENISTE, 1995).

A primeira definição usual para a hospitalidade é o ritual de acolhimento que ela sugere. Oferecer hospitalidade significa receber o outro, dar ao que está de fora o acesso a um espaço interior. Hospitalidade pressupõe deslocamento físico, que também pode ser simbólico, pois ocorre somente a partir da transposição de uma soleira, a abertura ao que é estrangeiro, o advento do diferente.

Marie-Claire Grassi (2011) lembra que, para que se estabeleça uma relação de hospitalidade é necessário, antes de tudo, que exista uma diferença de *status* entre os indivíduos envolvidos. Assim, a consciência do desequilíbrio nas relações entre hóspedes e anfitriões está na base de quaisquer atos de hospitalidade, afinal, um indivíduo não acolhe em casa aquele que já pertence ao seu círculo doméstico – ele recebe o que vem de fora, o estrangeiro. Dessa forma,

não pode haver gesto de hospitalidade, no sentido etimológico do termo, sem desigualdade de lugar e *status* entre *hospedeiro* e *hóspede*: um está no interior, dono da casa, sedentário, é aquele que recebe; outro vem do exterior, está de passagem, é recebido. O convite, a acolhida, a caridade, a solidariedade, parecem ser formas vizinhas e derivadas de uma forma inicial de hospitalidade (GRASSI, 2011, p. 45, grifos da autora).

Se deve haver alguma diferença entre hospedeiro e hóspede, podemos reconhecer essa primeira desigualdade simbólica como uma questão de poder e autoridade sobre o território onde o ritual de acolhida é performado. Em termos foucaultianos, quem hospeda (i.e., o anfitrião) é aquele que se apresenta como força hegemônica na relação de poder, enquanto aquele que é hospedado (i.e., o hóspede) atua como força de resistência – é tal fato que o termo “senhor do hóspede”, dito anteriormente, manifesta. Assim, oferecer hospitalidade inclui também uma permissão, uma autorização, afinal, só a recebe aquele que está autorizado a ultrapassar uma fronteira e, assim, adentrar um território alheio.

Esta dubiedade nas relações de poder entre hóspedes e anfitriões, inclusive, está bem designada na palavra francesa “*hôte*”: “1. *Hôte* s.m. (lat. *hospes*). 1. Pessoa que é recebida por alguém; convidado. [...]. 2. *Hôte*, *Hôtesse* s. Pessoa que recebe alguém em sua casa, que lhe oferece hospitalidade [...]” (DICTIONNAIRE LE PETIT LAROUSSE ILLUSTRÉ, 2005, p. 553, grifos nossos). Se, na língua portuguesa, utilizamos designação diferentes – hóspede e anfitrião –, o que nos remete a uma separação de atitudes e até mesmo a uma dualidade, na francesa o termo *hôte* traz a possibilidade desse embaralhamento das fronteiras entre quem recebe e quem é recebido, ressaltando a ambiguidade e a interpenetração de valores entre os envolvidos na viagem. Em tal perspectiva, hóspede e anfitrião são mundos em contato, onde os papéis sociais não podem ser compreendidos de forma binária, ou seja, não há a possibilidade de construção da identidade a partir somente das diferenças, pois quem invade é, também, invadido.

E é a partir desse movimento de igualização que os riscos da hospitalidade aparecem. Basta recordar a semelhança que há entre **autoridade** e **autoria**. O que hospeda, o *hospes*, antes de acolher o outro, era o único que tinha **autoridade** suficiente para ser o **autor** do que se passava no espaço interior que estava sob seu poder. Desde os hábitos mais corriqueiros – horários e alimentação – até os mais profundos – relações humanas, por exemplo –, tudo podia ser escrito e reescrito pelo autor *hospes*. Mas, à medida em que ele autoriza a entrada de outro, o que é hospedado passa a ter direito de autoria sobre tudo isso. E, de maneira muito simples e repentina, o *hospes* pode acabar por tornar-se mesmo o **hóspede** em sua própria casa. Seu esforço de igualização pode ultrapassar o ponto de equilíbrio e fazer com que o hóspede verdadeiro ganhe tanto poder sobre a casa que acabe por superar o poder daquele que o hospeda. Por isso mesmo, não é por acaso que na língua francesa os termos “*hôte*” (hóspede/anfitrião), “*hospitalité*” (hospitalidade) e “*otage*” (refém) trazem a mesma raiz semântica.

Tal risco intrínseco à hospitalidade, a fronteira facilmente transponível entre hospitalidade e hostilidade, foi expressa por Jacques Derrida com o termo hos-ti-pitalidade. Assim o filósofo explica:

É como se o senhor estivesse, enquanto senhor, prisioneiro de seu lugar e de seu poder, de sua ipseidade, de sua subjetividade (sua subjetividade é refém). É mesmo o senhor, o convidador, o hospedeiro convidador que se torna refém – que sempre o terá sido, na verdade. E o hóspede, o refém convidado (*guest*), torna-se convidador do convidador, o senhor do hospedeiro (*host*). O hospedeiro torna-se hóspede do hóspede. O hóspede (*guest*) torna-se hospedeiro (*host*) do hospedeiro (*host*) (DERRIDA, 2003, p. 109).

É então que entendemos que o que é recebido, o **hostis**, pode acabar por tornar-se **hostil** ao espaço e à pessoa que o acolhe. A prática da hospitalidade, portanto, inclui em si o risco da hostilidade. Podemos dizer que não há hospitalidade sem esse risco – e, talvez no risco, é que estejam as raízes da sua dimensão sagrada porque, especialmente na tradição judaico-cristã, o sacrifício e a renúncia em favor do outro sempre foram vistos como imitação dos atributos divinos.

Historicamente, o gesto de hospitalidade sempre foi elevado a um *status* sagrado nas mais diversas culturas. No que diz respeito ao Ocidente, não podemos perder de vista o lugar da hospitalidade na mitologia greco-romana e na tradição judaico-cristã. A obra literária de Homero, por exemplo, **A Odisseia** (ca. séculos IX e

VII a.C) está repleta de exemplos míticos para a acolhida do estrangeiro (REECE, 1993), de modo semelhante ao que acontece com a hospitalidade bíblica no Antigo Testamento.

Na base de toda valorização da hospitalidade está o cuidado para com o estrangeiro que parece ter sido, desde sempre, uma atitude sagrada. Desse motivo, também viria a busca pelo ideal da hospitalidade incondicional. Na tradição judaica, por exemplo, a ação parece ter sido uma imitação das atitudes de Deus, uma vez que o evento fundante para Israel foi o Êxodo – cuja memória se guarda até os dias atuais, festejada constantemente, mas de modo especial na festa anual da Páscoa. Com a memória do Êxodo, o Israel disperso recorda a escravidão sofrida enquanto seus antepassados eram estrangeiros no Egito. Segundo a narrativa, o desfecho da opressão se deu quando Deus decidiu buscar seu povo do sofrimento e conduzi-lo a uma terra preparada especialmente para recebê-lo. Portanto, enquanto a falta de hospitalidade relaciona-se à terra da opressão, a hospitalidade é um gesto do próprio Deus, que prepara uma nova terra para o povo.

A hospitalidade seguiu sendo um ritual sagrado para o Judaísmo e, ao que tudo indica, não somente em sua literatura, mas também em sua prática. O hóspede, ao chegar a uma cidade, era disputado nas praças, porque todos desejavam acolhê-lo, a fim de ganhar as boas graças da divindade. No entanto, o gesto incluía algo mais do que apenas abrir a porta ao estranho e garantir sua segurança dentro da casa: quando o hóspede fosse embora, a responsabilidade do que lhe acontecesse permanecia sendo do seu anfitrião em um raio de cento e cinquenta quilômetros a partir da casa (DE VAUX, 2003, p. 29). Há que se lembrar que, no Novo Testamento, a hospitalidade segue como virtude que liga ao divino porque Jesus celebra sua última Ceia como um ritual de hospitalidade (Jo 13), o que dá a entender que os que a repetem são, também, recepcionados em um espaço não geográfico, mas em uma aliança, em um pacto. Os primeiros cristãos buscaram o exercício da hospitalidade como modo de dirigir-se a Cristo por meio dos mais necessitados – para a Carta de Tiago, por exemplo, a hospitalidade é uma das mais importantes ações caritativas que, praticadas ao próximo, se tornam um bem feito ao próprio Deus.

Mencionamos que o ritual da hospitalidade depende da diferença de *status* entre quem hospeda e quem é hospedado. Mas, se hospitalidade é também relação

de poder que se opera na territorialidade onde as ações ocorrem, então podemos compreendê-la como um ritual de igualização. Quando um indivíduo acolhe um outro em algum lugar, ele o **autoriza**, ou seja: **confere autoridade** sobre o lugar em questão. Aquele que recebe, portanto, partilha dos seus atributos, rompe a soleira do *status* e coloca abaixo o muro da diferenciação para estabelecer uma relação de igualdade. O hóspede, embora não seja dono da casa, recebe, dentro dela, a autoridade de ditar horários, costumes, hábitos, alimentação, conversas e comunicações, apenas para citar alguns exemplos.

Portanto, embora a hospitalidade apareça nas narrativas fundamentais de diversas culturas como um ritual de acesso ao sagrado, nem sempre, na prática, a hospitalidade será acesso às boas recompensas que a divindade pode oferecer, exclusivamente. A hospitalidade abriga em si o risco do conflito, o risco do desconforto. Enquanto o ritual garante a segurança ao hóspede, abrigado sob um teto, retira de quem o hospeda a certeza da segurança sob seu próprio teto – porque um estranho agora partilha do mesmo abrigo.

Assim, há um retrato da hospitalidade em narrativas míticas que não corresponde, em sua totalidade, à experiência real de hospitalidade. Se nas histórias antigas a hospitalidade funciona como ritual de igualização, na prática, a diferença de poder permanece quando o estrangeiro adentra a casa – a diferença é que, após a entrada, o poder concentra-se mais nas mãos do hóspede do que nas mãos de quem hospeda. Se, na literatura, a hospitalidade era via para se alcançar a semelhança com o divino e, assim, merecer suas recompensas, na prática, ela será, antes, um risco de insegurança para quem abre suas portas. Se, nas narrativas míticas, o ideal de hospitalidade permanece sendo o de uma hospitalidade incondicional – aquela que é oferecida pela motivação única da bondade interior dos seres –, na prática, percebemos que nenhuma relação de hospitalidade é estabelecida sem que exista algum mínimo interesse ou recompensação pelo gesto oferecido.

Essa dualidade entre a hospitalidade ideal e a real coloca em questão também suas possíveis perversões. A própria hostilidade infiltrada na hospitalidade faz com que esta última se perverta e não seja ideal. Mas Simone Bernard-Griffiths elenca outros tipos de perversões, dentre os quais: o interesse, o amor e a morte. Todo tipo de paga ou retribuição, segundo a autora, perverte o ideal de

incondicionalidade para a hospitalidade (BERNARD-GRIFFITHS, 2011). Tais perversões demonstram a complexidade das relações reais de hospitalidade, que distanciam-se cada vez mais do ideal. É possível que tal ideal incondicional exista apenas nos mitos relacionados às hospitalidades divinas – isso se também esses tipos de hospitalidades não forem pervertidos por desejos de retribuição, o que é comum. O que está implicado nas relações de hospitalidade ultrapassam aquela simples cena de um estrangeiro que bate à porta de uma casa à beira da estrada e é autorizado a entrar. O estrangeiro é, também, muito mais do que aquele que vem de um outro país ou que não fala a língua do lugar. Há hospitalidade em toda relação humana, porque toda relação com o outro é, necessariamente, o encontro com um estrangeiro. Assim, hospitalidade e alteridade são conceitos diretamente interligados.

Para o filósofo francês Emmanuel Levinas (1906-1995), em **Totalidade e infinito** (1980), a simples percepção do outro – cuja epifania se dá através do rosto – exige uma resposta de acolhida, ainda que essa seja negativa. No entanto, tal acolhimento nem sempre acontece na abertura de uma porta, mas, com frequência, no simples (e desafiador) reconhecimento de que há um outro; sendo as diferenças que o fazem ser este outro que possibilitam a minha existência. Em tal identidade na diferença, nessa necessidade do ruído na interação que tão bem representa o termo *hosti-pi-talidade*, o eu acolhe o outro para que também possa existir – ou mais que isso, para que possa alcançar um conhecimento mais profundo si.

Nessa relação de acolhimento da alteridade se dá uma dimensão de hospitalidade que temos chamado *hospintralidade*. Ela consiste exatamente no acolhimento interior do outro, na permissão de que o outro adentre um espaço que pertence ao eu. Daí dizer que há uma interpelação pela hospitalidade mesmo quando não há uma soleira física ou a porta de uma casa; todo tipo de relação humana é uma

expressão de hospitalidades, ou ainda, de *hospintralidades*:

Hospintralidade. *s.f.* **1.** Ação de receber um outro no território da própria interioridade. **2.** Abertura do ser à alteridade. **3.** Condição favorável para que o outro remodele sua própria identidade. **4.** Hospitalidade interior, estabelecida em nível de existências (VENÂNCIO, 2019, p. 86).

Se a hospitalidade abrigava o risco da hostilidade, o mesmo acontecerá na relação que temos denominado *hospin*tralidade. Doravante, analisaremos como se dão as relações de hospitalidade que envolvem o chamado Um Anel, na obra de J. R. R. Tolkien. Importa assinalar, de antemão, que as tramas que se estabelecem ao seu redor referem-se a algo que vai além da simples hospitalidade, convertendo-se, com frequência, no que definimos como *hospin*tralidade. No entanto, pela magia que envolve o Um Anel, inevitavelmente, a hostilidade estará presente nessas relações, convertendo-as no que Derrida chamou hos-ti-pitalidade.

Todo esse percurso inicial será importante para a análise das hospitalidades em Tolkien, especialmente as que estão ao redor do Um, porque, em sua obra, todo ritual de hospitalidade é pervertido de alguma forma, seja pelas simples retribuições, seja pelas complicadas relações de hos-ti-pitalidade. Em outro aspecto, enquanto os espaços geográficos, as fronteiras e soleiras são cuidadosamente descritos, todo ritual de acolhimento em um espaço corresponde, também, a uma negociação que se passa em espaços íntimos e psíquicos. Então, em Tolkien, toda hospitalidade também corresponde a uma *hospin*tralidade que promove suas transformações, constrói seus conflitos e imprime suas marcas no território íntimo do outro.

3 A HOS-TI-PITALIDADE DO UM ANEL

Ao leitor que adentrar a obra de J. R. R. Tolkien por qualquer um dos livros que mencionam o Um Anel, já desde as primeiras caracterizações ao redor do objeto, ficará claro que há uma forte magia que o envolve e que o faz ter um poder de atração sobre as personagens. O Um Anel, enquanto objeto animista, tem vontade própria e, após ser perdido por seu criador, Sauron, ele usa toda a sua astúcia para manter sua segurança e retornar ao criador. Poder, segurança e retorno são ideias que, combinadas, sugerem relações de hospitalidade.

O Um Anel, por sua vontade e ação, pode ser visto como uma personagem, que ganha traços de protagonismo especialmente na trilogia **O Senhor dos Anéis**. Ele é criado por Sauron, mas é independente do criador; perfaz um caminho próprio, durante o qual a maioria dos acontecimentos é direcionada por sua própria vontade; escolhe pessoas que possam abrigá-lo nesse caminho a fim de que ele chegue em segurança ao destino final. Nas hospitalidades oferecidas ao Um Anel, vemos

acontecerem as mesmas relações e perversões descritas na seção anterior. Hóspede se converte em hospedeiro; o poder concedido ao hóspede faz com que ele se torne mais poderoso que o próprio hospedeiro; a hospitalidade prolongada exige uma recompensa e acaba por tornar-se hostilidade. Assim, as relações hospitaleiras ao redor do Um Anel identificam-se à ideia da hos-ti-pitalidade.

A fim de examinar com maiores detalhes as cenas de hos-ti-pitalidade ao redor do Um Anel na obra literária de J. R. R. Tolkien, escolhemos o recorte de quatro personagens: Sauron, Gollum, Bilbo e Frodo. Analisaremos o efeito da atração e da presença do Um Anel em seus itinerários, caracterizando as relações de hospitalidade estabelecidas.

3.1 SAURON

Uma história resumida da criação do Um que focaliza as motivações e os sentimentos de Sauron, seu criador, é apresentada em **O Silmarillion** (2011 [1977]), obra publicada postumamente à morte do autor J. R. R. Tolkien. As histórias acerca da mitologia por detrás da Terra Média, que iam sendo escritas em fragmentos pelo autor, foram reunidas por seu filho Christopher Tolkien após sua morte e publicadas. As anotações – pequenos trechos escritos apressadamente a lápis – iluminam os estudos de **O Senhor dos Anéis** e também da obra precedente, **O Hobbit** (2019b [1937]).

Sauron, um dos mais perigosos servos do inimigo desde as origens conhecidas da Terra Média, foi quem persuadiu primeiramente os homens para que, mais tarde, fossem criados os Anéis de Poder. Segundo a narrativa d'**O Silmarillion**, Sauron era próximo dos homens, porque havia percebido que eles eram mais influenciáveis que os outros povos (Anãos e Elfos). Por suas características, Sauron não era um hóspede bem-vindo entre tantos dos outros seres:

Sauron descobriu que os homens eram os mais fáceis de influenciar dentre todos os povos da Terra [...] e andava livremente em meio a eles, e sua aparência ainda era de alguém belo e sábio. Somente a Lindon não ia, pois Gil-galad e Elrond duvidavam dele e de sua bela aparência; e, embora não soubessem quem ele era na realidade, não admitiam sua entrada naquele território. Em outras partes, entretanto, os elfos o recebiam com prazer, e poucos deles davam ouvidos aos mensageiros de Lindon que lhes recomendavam cautela. Pois Sauron adotou o nome de Annatar, Senhor

dos Presentes, e a princípio muito proveito eles tiraram da amizade com ele (TOLKIEN, 2011, p. 365).

A narrativa sugere que Sauron pagava, mesmo que indiretamente, pela hospitalidade recebida com presentes e, decerto, os Anéis de Poder foram um presente muito cobiçado. O hóspede Sauron, portanto, converte a hospitalidade em hostilidade ao criar os Anéis vinculados ao poder do Um, a hospitalidade a ele oferecida se torna emboscada porque um presente aparentemente despretensioso e benéfico se torna instrumento de controle e subjugação – aliás, o próprio pagamento já constituía uma perversão. Ele torna-se um hóspede tão poderoso dentre os povos aos quais oferece os Anéis, que acaba por aprisionar esses que outrora o hospedaram por meio da confiança e da concórdia com seus planos de forjar os Anéis de Poder. O que antes era pacto torna-se prisão. Conforme a epígrafe presente em **O Senhor dos Anéis**:

Três Anéis para os élficos reis sob o céu
Sete para os Anãos em recinto rochoso
Nove para os Homens que a morte escolheu
Um para o Senhor Sombrio no espaldar tenebroso
Na Terra de Mordor aonde a Sombra desceu
Um Anel que a todos rege, Um Anel para achá-los
Um Anel que a todos traz, para na escuridão atá-los
Na Terra de Mordor, aonde a sombra desceu (TOLKIEN, 2019a, p. 05).

Ou segundo a própria narrativa da distribuição dos Anéis de Poder:

Ora, os elfos fizeram muitos anéis. Em segredo, porém, Sauron fez o Um Anel para governar todos os outros; e o poder dos outros estava vinculado ao dele, de modo a submeter-se totalmente a ele e a durar somente enquanto ele durasse [...]. E, enquanto usava o Um Anel, ele conseguia perceber tudo o que era feito pelos anéis subalternos, e ler e controlar até mesmo os pensamentos daqueles que os usavam (TOLKIEN, 2011, p. 366).

O que Sauron não percebe é que a prisão que ele cria – falsa ilusão de hospitalidade – manterá cativo a si próprio: “E grande parte da força e da vontade de Sauron foi transmitida àquele Um Anel” (TOLKIEN, 2011, p. 366).

Este Anel, enquanto objeto impregnado da energia maligna do seu criador e que deseja retornar a ele, seu artífice e o seu dono, remete-nos ao conceito de “mana”. Em seu **Ensaio sobre a dádiva** (2008 [1950]), Marcel Mauss nos explica que o “mana”, na religião Maori, é interpretado como “o espírito da coisa dada”,

sendo uma força “mágica, religiosa e espiritual” (MAUSS, 2008, p. 67). Essa força energética existiria nas pessoas e seria transmitida quando se doasse algo a alguém.

Esse mana que impregna as coisas dadas é que justificaria a necessidade de quem recebe ter que retribuir, constituindo “a teoria da geral da obrigação”, pois, ainda, “o vínculo do direito, ligação pelas coisas, é uma ligação de almas, porque a própria coisa tem uma alma, é uma alma. Donde se segue que apresentar qualquer coisa a alguém é apresentar qualquer coisa de si” (MAUSS, 2008, p. 70). Desta passagem, derivamos duas questões: i. o próprio conceito de mana explicaria porque consideramos algo doado como sendo um “presente”, afinal, o doador passaria a se fazer presente na vida de quem recebe sua dádiva a partir da energia que imbui a coisa que oferta; ii. o que recebe a doação, mais do que obrigado a retribuir, ele deve devolver este mana que lhe foi repassado pela dádiva – por isso que a não retribuição seria um ato de violência, de usurpação do outro, posto que estaria sequestrando e represando a energia alheia, impedindo-a de circular para retornar ao seu proprietário: não retribuir seria como tornar cativo e refém o mana alheio, enquanto a retribuição caracterizaria a devolução desta energia àquele que a doou/emprestou (mas, agora, misturada com a do que recebeu, que passou a ser doador de seu doador). Por meio do conceito de mana, percebe-se que tudo circula, “as coisas não têm paz” e assim deve ser, porque como ressalta Lewis Hyde, “se o objeto é uma doação, continuará em movimento [...]: o sentimento de que se uma doação não for tratada como tal, se uma forma de propriedade for convertida em outra, algo terrível ocorrerá ao infrator” (HYDE, 2010, p. 31). A não retribuição transforma o presente em veneno, pois o mana do outro estocado e represado contamina e mata socialmente aquele que reteve a sua circulação.

Assim, uma vez produzido e, posteriormente, perdido por Sauron, o Anel fará de tudo para retornar ao seu dono, pois é sua energia querendo voltar ao seu artífice. Se o Um Anel é um objeto animado, temos agora condições de melhor compreender que o *anima* que o habita é o mana de Sauron, aquele que o criou. Mas, nesse ínterim, enquanto circula de dedo em dedo, o mana de Sauron, maligno em si, contaminará e influenciará a atitude de seus portadores (até que eles o passem para a frente, entregando o objeto a um outro). Por isso, ocupando/hospedando-se no dedo de diversos personagens, o Um Anel é abrigo de hospitalidade perversa para todos os povos que usam os Anéis de Poder, uma

armadilha, não um albergue – inclusive para Sauron, que acredita poder controlá-lo, mas é, na verdade, aprisionado por ele. Outra prova do aprisionamento em questão é o fato de que o próprio Sauron será destruído quando o Um também o for:

E ali, no fogo em que fora forjado, Frodo atirou o Grande Anel de Poder. E assim ele foi desfeito, e seu mal, consumido. Fraquejou então Sauron foi totalmente derrotado, fugindo como uma sombra de maldade. E as torres de Barad-dûr desmoronaram em ruínas; e, com o rumor de sua queda, muitas terras tremeram (TOLKIEN, 2011, p. 387).

Enquanto o Um procurará portadores que possam oferecer alguma proteção ou que sejam seus intermediários no caminho para seu destino, Sauron não é escolhido para isso. Ele é um anfitrião estático, enquanto os outros anfitriões são cativados para levar o Anel a seus objetivos próprios. Ele é, exclusivamente, um *hôte* da forma de hospitalidade mais perversa que o Um oferece.

Assim como Sauron ficou conhecido como Senhor dos Presentes, o Um Anel também oferece recompensas, dentre as quais a principal é o poder. Não é, porém, um poder externo, mas a potencialização dos poderes e tendências internas ao indivíduo. Assim, quando as tendências que motivam quem usa o Anel são malignas, maior será o poder maligno que aflorará do seu uso; mas quanto mais fortes forem as tendências ao bem, menores serão os impactos meléficos do Um. Assim, a hospitalidade do Um a Sauron é tão negativa porque ele, enquanto *hôte*, oferece ao seu portador uma péssima interioridade a ser amplificada. É por isso, também, que Gandalf e Elrond rejeitam sequer tocarem o Anel – porque estão cientes das amplitudes que podem tomar seu próprio poder, mas não tão cientes das tendências que prevalecerão.

A *hospin*tralidade do Anel em Sauron vai enraizando em um a identidade do outro e costurando muito bem as inclinações ao mal que um oferece e outro potencializa. Anel e Sauron partilham tanto suas identidades que confundem-se um no outro e tornam-se, praticamente, um só. Por isso, nenhum dos dois pode superar ou subjugar o outro; nenhum deles pode triunfar sobre o outro e a destruição de um significa, inevitavelmente, a destruição do outro.

3.2 GOLLUM

Após ser retirado de Sauron por Isildur, na Batalha da Última Aliança, quando este cortou o dedo daquele e lhe usurpou o Anel como botim de guerra, este objeto animado ficou por algum tempo em posse de tal rei humano. Embora o rei tenha sido aconselhado a destruir o Um, vemos que a prisão-tentação que o Anel forja ao redor de seu detentor também atingiu Isildur, de modo que ele não conseguiu abrir mão de sua influência e destruí-lo. Todavia, em sua última batalha, perto dos Campos de Lis, o Um traiu Isildur e se despreendeu de sua mão, caindo no Grande Rio Anduin e permanecendo por muito tempo escondido em seu leito, até ser encontrado por Déagol e Sméagol.

Embora Gandalf, ao narrar a Frodo a história do encontro do Um por Sméagol em **A sociedade do Anel**, sublinhe a curiosidade que move a criatura, fica evidente a influência do Anel já exercida sobre Sméagol desde que ele o vê pela primeira vez. É Déagol quem o retira das águas do rio durante uma pesca, mas rapidamente ele é atacado e morto pelo amigo, que toma o Anel para si e, desde então, conta que o Anel veio a ele como um presente de aniversário:

“Nos dê isso, Déagol, meu querido”, disse Sméagol por cima do ombro do amigo. “Por quê?”, indagou Déagol. “Porque é meu aniversário, querido, e eu quer ele”, respondeu Sméagol. “Não me importa”, disse Déagol. “Já lhe dei um presente, mais do que pude gastar. Encontrei isto e vou ficar com ele”. “Oh, vai mesmo, querido”, retrucou Sméagol; e pegou Déagol pelo pescoço e o estrangulou, porque o ouro parecia tão brilhante e lindo. Depois pôs o anel no dedo (TOLKIEN, 2019a, p. 106).

É bem claro como o Anel decide escolher Sméagol como anfitrião por um tempo, apresentando-se para ele como um presente. Embora a história de Sméagol de que o Anel veio a ele seja forçada, para encobrir o fim da vida do amigo, é exatamente o que acontece: o Um vai até Sméagol. Sua intenção, provavelmente, foi a de obter abrigo e proteção durante um tempo: “O Anel foi com ele para as sombras, e seu próprio artífice, quando seu poderio recomeçou a crescer, não conseguiu saber nada a respeito” (TOLKIEN, 2019a, p. 107).

O Anel, enquanto hóspede de Sméagol, inverterá também os papéis e os poderes na relação de acolhimento – a ponto de modificar o nome de Sméagol e até mesmo fazer com que se tornasse uma outra criatura: o Gollum. Sendo assim, por

influência deste objeto, Sméagol/Gollum passa a ter uma vida longa e miserável, totalmente dependente deste Anel, em uma relação que remete ao vício e, principalmente, a esquizofrenia: afinal, não só o Anel passa a ter uma relação de *hôte* com tal criatura, como também lhe impõe uma dupla personalidade – o uso da primeira pessoa do plural “nós” para se referir a si mesmo ressalta tal aspecto.

Também à sua hospitalidade, o Um retribui com presentes: o poder, a invisibilidade e, ainda, uma vida prolongada. No entanto, os atributos concedidos aproximam a criatura de uma vida maligna, isolada dos outros e marcada pela rejeição e pela solidão:

Mas Sméagol voltou sozinho; e descobriu que ninguém de sua família podia vê-lo quando estava usando o anel. Ficou muito contente com sua descoberta e a escondeu; e usou-a para descobrir segredos, e usou seus conhecimentos para fins distorcidos e maliciosos. Seus olhos e seus ouvidos se aguçaram para tudo que fosse doloroso. O anel lhe dera poder de acordo com sua condição. Não admira que ele se tornasse muito impopular e fosse evitado (quando visível) por todos os conhecidos. Chutavam-no e ele lhes mordida os pés. Começou a roubar, e a andar por aí resmungando sozinho, e a gorgolejar na garganta. Assim chamaram-no de Gollum, e o amaldiçoaram, e o mandaram ir para bem longe; e sua avó, que desejava a paz, o expulsou da família e o colocou para fora de sua toca (TOLKIEN, 2019a, p. 107).

O hóspede-Anel, portanto, recebeu autoridade (autorização) suficiente para entrar no espaço psíquico da criatura Sméagol, de modo a reconfigurar a sua própria identidade enquanto Gollum – uma relação de *hospin*tralidade marcada pela hostilidade, porque tal reescrita é extremamente negativa. A entrada gradativa do Um se dá, em parte, pela ambição do poder que ele confere, porque eram vantajosas para Gollum a invisibilidade e a possibilidade de descobrir o que não era possível conhecer. Sméagol é a criatura que o Anel mais maltrata e despersonaliza porque, aliados à ambição da criatura também estão o uso prolongado do Anel, o que sugere certa acomodação ao seu poder, e a solidão e a falta de amizades. Adiante, perceberemos como o uso recente do Anel favorece seu desapego e como as amizades sustentam o indivíduo e não o deixam sucumbir ao poder do Um. Em virtude de tantos acasos, Gandalf reconhece ao contar a história da criatura: “‘Acho que é uma triste história’, ponderou o mago, ‘e poderia ter acontecido a outros, até a alguns hobbits que conheci’” (TOLKIEN, 2019a, p. 108).

A entrada do Um na vida de Sméagol/Gollum passa a ocupar uma parte cada vez maior de sua identidade, até que a parte reservada a sua *psique* anterior ao encontro do presente nas margens do rio seja tão pequena que suas decisões já quase não podem ser controladas por si mesmo. No entanto, ele resistia a uma dominação completa:

“É bem verdade, eu temo”, disse Gandalf. “Mas havia outra coisa aí, creio, que você ainda não vê. Mesmo Gollum não estava completamente arruinado. Ele tinha demonstrado mais resistência do que até um dos Sábios poderia imaginar – como um hobbit demonstraria. Havia um cantinho de sua mente que ainda lhe pertencia, e uma luz passava por ali, como que por uma fresta no escuro: uma luz do passado” (TOLKIEN, 2019a, p. 108).

A hos-ti-pitalidade do Um é tamanha, que seu poder acaba por fazê-lo hospedar aquele que inicialmente ele escolhera como anfitrião. Aquela que detém o Um, na verdade não o detém, mas é detido por ele, gerando uma relação de *prise en otage* (sequestro). A prisão criada ao redor de Sauron vai se desdobrando ao redor de cada pessoa que se envolve com o Anel, enquanto o portador lhe for útil. Quando o Anel passa a outro portador, isso acontece por vontade dele: um hospedeiro não o entrega a outro anfitrião, mas é o próprio Anel quem descarta um hóspede para conquistar outro. É o que acontece em cada transição, através de uma cadeia de “dádivas” duvidosas: de Isildur a Sméagol, de Gollum a Bilbo: “Não era Gollum, Frodo, e sim o próprio Anel que decidia as coisas. O Anel o abandonou” (TOLKIEN, 2019a, p. 109).

3.3 BILBO

O envolvimento de Bilbo com o Um é bem semelhante ao que acontece a Gollum, mas o salvam da degradação completa suas amizades e seu puro coração de hobbit. Para Gollum, suas más motivações potencializadas pelo poder do Um o relegaram a uma terrível solidão – assim o hóspede-Anel priva o próprio anfitrião de encontrar hospitalidade entre seus próprios parentes. A solidão à qual Gollum fora abandonado apenas se tornou mais vazia e obscura pelo poder maligno que agora o dominava. A diferença para Bilbo são as amizades que o rodeiam e que não o permitem sucumbir ao mal presente no Um. Há um aprisionamento, mas este será limitado pela força das amizades que rodeiam Bilbo e que não deixam que o mal do

Anel alcance tamanha soberania. Não é à toa que a amizade é um dos temas fortes em **O Senhor dos Anéis** (CASAGRANDE, 2019).

Quando Gandalf conta a Frodo a história de como Bilbo conseguiu o Um, Frodo duvida, inclusive, de que Gollum fosse um antepassado dos hobbits, uma vez que tais criaturas eram conhecidas por sua ternura e por seus bons sentimentos. Acontece que o Um eleva e potencializa os sentimentos e as inclinações, trazendo à tona aquilo que estava escondido e recalcado na *psique* do que o porta¹. No caso de Bilbo, seus efeitos não são tão devastadores porque ele não perde de vista a hospitalidade do Condado e a amizade do mago Gandalf – que tem conhecimento sobre o Anel, sobre suas possibilidades e pode influenciar Bilbo a deixá-lo quando necessário. Há algo de diferente no coração do hobbit, que nem Gandalf parece saber explicar:

Um Anel de Poder toma conta de si mesmo, Frodo. Ele pode soltar-se traiçoeiramente, mas seu possuidor jamais o abandona. No máximo joga com a ideia de entregá-lo aos cuidados de outra pessoa – e isso só na primeira etapa, quando o domínio está só começando. Mas ao que sei, só Bilbo, em toda a história, já passou de jogar e realmente e o fez. Precisou de toda a minha ajuda também (TOLKIEN, 2019a, p. 109).

Assim, a hospitalidade de Bilbo ao Um foi, de todas, a menos pervertida pelo poder do Anel. Bilbo beneficiara-se da privação do envelhecimento e da invisibilidade – pagas do Anel pela hospitalidade recebida – mas não perdera sua identidade para o Um. Se retomamos a ideia de que o Anel oferece poder proporcional ao que a criatura que o hospeda já possui, então entendemos as razões pelas quais seus efeitos são tão pequenos sobre Bilbo e também serão sobre Frodo – porque os hobbits são as criaturas mais simples e boas em toda a Terra Média. Se o Anel potencializa algo nesses dois pequenos hobbits, são suas virtudes de amizade e fidelidade a um propósito.

¹ Seria interessante compreender as reações psíquicas que o Anel provoca em seus portadores a partir da teoria apresentada por Sigmund Freud em sua obra **O mal-estar na civilização** (2010 [1930]). Tudo nos leva a crer que o Um Anel, uma vez instalado enquanto *hôte* no dedo de um sujeito, possibilita-lhe trazer à tona aquelas pulsões primeiras de sexualidade e violência/destruição que a sociedade busca reprimir e canalizar para se constituir enquanto tal. A mente e alma maligna de Sauron, que impregna enquanto mana o Um Anel, libertaria estas vontades reprimidas naqueles que o hospedam em seus dedos, sendo a invisibilidade (i.e. o voyeurismo) e a vontade de subjugar o outro (i.e. a dominação) as formas como que os desejos sexuais e de violência se manifestariam nos portadores/hospedeiro deste objeto.

Não se pode ignorar, no entanto, a atração que o Anel ainda exerce sobre Bilbo, no momento da separação. Como já referido, o hobbit apenas consegue conviver com a ideia de deixá-lo porque ele passaria aos cuidados de Frodo. A ideia do abandono do Anel para Bilbo é, portanto, muito difícil. Assim percebemos no diálogo com Gandalf, em que ele comenta estar tudo pronto para sua partida do Condado:

Estou deixando tudo para ele [Frodo], é claro, exceto algumas miudezas [...]. “Tudo?”, indagou Gandalf. “O anel também? Você concordou com isso, lembre-se”. “Bem, hã, sim, acho que sim”, gaguejou Bilbo. “Onde ele está?” “Num envelope, se quer saber”, respondeu Bilbo com impaciência. “Ali no consolo da lareira. Ora, não! Aqui está, no meu bolso!”, hesitou. “Isso não é estranho?”, disse baixinho consigo. “Mas, afinal, por que não? Por que não deveria ficar ali?” Gandalf encarou Bilbo outra vez, muito intensamente, e havia um brilho em seus olhos. “Eu penso, Bilbo”, prosseguiu ele tranquilamente, “que eu o deixaria para trás. Não quer fazer isso?” “Ora, sim – e não. Agora que a hora chegou, não gosto nem um pouco de me separar dele, é isso. E, na verdade, não vejo por que deveria. Por que você quer que eu faça isso?”, perguntou, e sua voz sofreu uma curiosa alteração. Estava ríspida com suspeita e incômodo. “Você está sempre me atormentando sobre meu anel; mas você nunca me aborreceu sobre as outras coisas que obtive em minha viagem” (TOLKIEN, 2019a, p. 80, grifos do autor).

É interessante que o tempo do Anel com Bilbo seja, de fato, o de hospitalidade retribuída com a jovialidade e com a invisibilidade. Há que se mencionar que as dádivas oferecidas pelo Um – que já são perversão da hospitalidade pelo simples fato de serem retribuições – são, também, exemplos da hos-ti-pitalidade que ele exerce sobre quem o hospeda e que ele também impõe à identidade de seu anfitrião, nesse uso desmedido da autoridade que lhe é conferida. A invisibilidade, por exemplo, confere ao anfitrião certo poder de intrusão, que é exatamente o contrário da hospitalidade. O uso da invisibilidade está sempre associado ao poder de penetrar um espaço sem passar pelo ritual de acolhida e autorização que a hospitalidade pressupõe. O invisível tem acesso às esferas de intimidade e rompe soleiras que só poderiam ser acessadas com restrita autorização. É atitude totalmente hostil e intrusiva. A longevidade, por sua vez, parece ser também uma quebra de autorização para habitar este mundo. Se toda criatura é autorizada a habitar sua vida por tempo determinado, sendo o nascimento a transposição inicial da soleira que marca a chegada e a morte o momento desconhecido da partida, o prolongamento não-natural da vida será, também, uma

permanência forçada em um espaço de hospitalidade temporária, uma ignorância das autorizações naturais.

A hostilidade do Um a Bilbo manifesta-se claramente no momento de sua partida, mas não é tão expressiva a ponto de impedir que Bilbo cumpra sua determinação. Há, aqui, duas possibilidades: ou a intenção do Um era realmente a de passar à posse de Frodo a fim de regressar a Sauron – em uma espécie de previsão mágica de futuro –, ou é a influência bondosa de Gandalf que anula as forças sombrias do Um e permite a Bilbo a decisão de abandonar o Anel.

A segunda possibilidade parece ser a mais coerente porque, ainda que Gandalf reconheça que o Anel tem vontade própria, o mago pesquisou muito para saber a verdadeira origem do Um e a forma eficaz de destruí-lo. Gandalf parece direcionar o Um Anel a Frodo, porque sabe que apenas um dono recente seria capaz de desprender-se dele, porque ainda estaria na fase inicial da influência e da dependência em relação ao Um. Alguém como Bilbo, que já abrigava o Um há muito tempo, teria dificuldades com a ideia de abandoná-lo, mais ainda com a de destruí-lo. Por outro lado, apenas um hobbit – a menor e mais bondosa dentre as criaturas – sofreria tão pouco os impactos maléficos da hospitalidade oferecida ao Um Anel, como aconteceu a Bilbo.

3.4 FRODO

Se a hos-ti-pitalidade do Um Anel é praticamente inexpressiva a Bilbo, será mais ainda no caso de Frodo. Cercado por amigos próximos – Sam, Merry e Pippin – e criaturas poderosas como Gandalf, Elrond e Galadriel, Frodo terá suas frágeis estruturas de hobbit suficientemente fortalecidas a fim de oferecer uma hospitalidade ao Um Anel que não possa ser corrompida por seu poder maligno. É bem verdade, no entanto, que o hóspede continue a retribuir a hospitalidade com a invisibilidade, mas esse é o único dos efeitos de retribuição oferecido a Frodo que podemos perceber ao longo da história.

É já ao fim do caminho, quando Frodo, na Montanha da Perdição, está prestes a destruir o Anel, que a influência do hóspede sobre o anfitrião finalmente pode manifestar-se. O Um aproveita-se do momento de maior vulnerabilidade de Frodo, quando a confiança sustentada por suas amigadas é abalada pelo medo que

aflora no obscurantismo daquelas montanhas sombrias. A hostilidade do hóspede começa a despontar por meio da costumeira prisão que ele cria ao redor do portador, que passa a relutar para tentar evitar a partida do hóspede, sua separação.

Então Frodo mexeu-se e falou com voz nítida, na verdade com voz mais nítida e mais possante do que Sam jamais o ouvira usar, e ela se ergueu acima da pulsação e do tumulto do Monte da Perdição, ressoando no teto e nas paredes. “Eu vim”, disse ele. “Mas agora resolvo não fazer o que vim fazer. Não farei este feito. O Anel é meu!” (TOLKIEN, 2019c, p. 1353).

A narrativa do fim da trilogia deixa claro como Sam desempenhou um papel fundamental na chegada de Frodo ao topo da montanha e também de como Gollum foi indispensável na destruição do Anel, ao lutar com Frodo por sua posse e cair, acidentalmente, nas profundezas da Montanha. Gollum coroa, assim, a autodepreciação que o Anel o levava a desenvolver ao jogar-se com ele para a destruição. O Anel roubara tudo de Gollum e, como Sauron, o arrastaria também para o fim. A amizade de duas das menores criaturas da Terra-Média é que venceu o poder do Um:

“Sim”, respondeu Frodo. “Mas lembra-se das palavras de Gandalf: ‘Mesmo Gollum ainda pode ter algo a fazer?’ Se não fosse por ele, Sam, eu não poderia ter destruído o Anel. A Demanda seria em vão, mesmo no amargo fim [...]. Estou contente de você estar aqui comigo. Aqui no fim de todas as coisas, Sam (TOLKIEN, 2019c, p. 1356).

A relação de *hospin*tralidade de Frodo com o Um Anel, como mencionamos, não deixa de ter seus reflexos sobre sua identidade – ainda que não o tenha convertido em um ser terrível como aconteceu a Gollum. É tanto que Frodo reconhece não poder mais retomar a mesma vida de antes, depois de sua experiência com o Um e de todo o caminho que trilhou a fim de destruí-lo:

“Ai de nós! Há algumas feridas que não podem ser curadas por completo”, comentou Gandalf. “Receio que seja assim com as minhas”, disse Frodo. “Na verdade, não há como voltar. Por muito que eu vá ao Condado, ele não parecerá o mesmo; pois eu não hei de ser o mesmo. Estou ferido com faca, ferrão, dente e com um longo fardo. Onde hei de encontrar repouso?” (TOLKIEN, 2019c, p. 1410).

Contrariamente ao que ocorre na “jornada do herói” (CAMPBELL, 2007 [1949]) tradicionalmente narrada, o herói desta epopeia sai ferido da aventura, e

quando retorna ao Condado não consegue mais encontrar seu lugar em casa. Neste desencaixe, o que lhe resta é embarcar com os últimos elfos habitantes da Terra Média para Valinor – espécie de paraíso restrito aos elfos, mas que Frodo e outros membros da companhia que empreenderam a jornada de destruição do Anel terão autorização para ingressar. Como recompensa de suas atitudes, eles são recebidos nestas terras míticas, e com tal atitude uma nova história de hospitalidade, projetada para além da obra, se abre à imaginação. Talvez, uma hospitalidade absoluta e incondicional, como platonicamente sugere as discussões derridianas, e por isso tão difícil de alcançar quanto de narrar, estando exatamente por este motivo para além dos relatos contidos nas obras de J.R.R. Tolkien.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com o Um Anel tem efeitos diversos nas diferentes criaturas que o portam no dedo, oferecendo-o hospitalidade. Tal influência depende do caráter de seu portador, isto é, um anfitrião que por insistência deste objeto entra em uma relação de *hôte* e *otage* com ele. Por isso mesmo, tal objeto animado de poderes, representante da tentação, deve ser interpretado enquanto mais um ser dentre tantos na Terra Média, uma personagem. A relação que se estabelece é um ritual próprio de hospitalidade: inclui escolha, chegada, proteção, permanência, retribuição, partida. O hóspede – o Anel – recebe autoridade sobre o espaço que ocupa, espaço físico (o dedo) que com frequência se converte em um lugar psíquico, um lugar interior, o próprio ser que hospeda. Esse tipo de hospitalidade, a *hospinralidade*, acaba por permitir que o Um reescreva a identidade de seu anfitrião.

Pela própria essência do Um Anel, criado para aprisionar o poder dos demais Anéis de Poder, essa reescrita de identidades se faz a partir do pressuposto de poder maligno do qual ele é formado. O efeito da hospitalidade oferecida ao Um Anel é, portanto, quase sempre o da conversão da hospitalidade em hos-ti-pitalidade. A constante provocada pela estadia do Um Anel é o aprisionamento do anfitrião, que nunca consegue separar-se dele facilmente.

O efeito da hos-ti-pitalidade sobre quem hospeda o Anel, no entanto, se dá em uma escala proporcional ao poder e às más motivações que compõem o ser de

quem o hospeda. Assim, a hos-ti-pitalidade ao seu criador, Sauron, é a mais severa de todas, leva à morte Isildur e faz com que Sméagol torne-se uma criatura deplorável. Os menores efeitos se veem no caso de Bilbo e Frodo, aqueles que estavam cercados pelo suporte da amizade e cujo coração era o mais puro de todos os anfitriões do Um Anel.

Curioso é perceber como o Um Anel chega sorrateiramente na vida dos seus portadores. Enquanto anfitrião impositivo, ele deseja e precisa ser visto, inicialmente, como um “presente”. Ora, presente é uma dádiva que não se recusa (MAUSS, 2008), e é por isso que Sauron lhe confecciona como tal, afinal, ele é O Senhor dos Presentes; Sméagol também se refere como sendo um presente de aniversário, e Bilbo, quando se vê obrigado por Gandalf a deixá-lo para Frodo, devemos nos lembrar que isto ocorre no dia de aniversário de ambos (eles compartilhavam o mesmo dia de nascimento), logo, neste momento a passagem do objeto tem caráter de dádiva. A ideia do presente – e mais especificamente, de aniversário – percorre a trajetória do Um Anel. E mesmo no caso de Isildur, que o corta do dedo de Sauron na batalha e o leva como butim de guerra, temos permissão para supor que ele foi considerado como um presente, enquanto uma recompensa por ter vencido o inimigo. Já no caso de Bilbo, a situação é um pouco mais complicada: em um primeiro momento, tal hobbit relata que conquistou o Anel a partir de uma disputa de charadas com Gollum que, perdedor, teve que lhe repassar como recompensa (mais uma vez, a ideia do butim de guerra, aqui um pouco mais lúdica); mas, posteriormente, Gandalf esclarece que a história não é bem assim, como foi contada, e que na verdade Bilbo o roubou de Gollum. Esta seria, então, a única passagem não considerada como dádiva. Todavia, pela sua pertinência enquanto presente, mais do que “meu precioso” (TOLKIEN, 2019b, p. 107) (termo que Gollum utiliza para designar o Um e que também veremos outros portadores se referindo a ele como tal), o Um Anel é uma dádiva, um presente, que contém em si toda uma potência maligna, um cavalo de Troia. Como diz Gandalf a Frodo:

“Um Anel de Poder toma conta de si mesmo, Frodo. Ele pode soltar-se traiçoeiramente, mas seu possuidor jamais o abandona. No máximo joga com a ideia de entregá-lo aos cuidados de outras pessoas – e isso só na primeira etapa, quando o domínio está só começando [...]”.

“Havia mais do que um poder agindo, Frodo. O Anel estava tentando voltar a seu mestre. Ele se soltara da mão de Isildur e o traíra; depois, quando veio a oportunidade, apanhou o coitado do Déagol, e ele foi assassinado; e depois disso Gollum, e o devorara. Não podia fazer mais uso dele: ele era demasiado pequeno e

mesquinho; e enquanto ficasse com ele jamais voltaria a deixar sua lagoa profunda. Aí, então, quando seu mestre estava desperto outra vez [i.e. quando Sauron conseguiu recuperar suas energias depois de anos], emitindo seu pensamento de Trevamata, ele abandonou Gollum. Para ser apanhado pela pessoa mais improvável que se possa imaginar: Bilbo do Condado!

“Por trás disso havia outra coisa em ação, além de qualquer intenção do artífice do Anel. Não posso expressá-lo mais simplesmente dizendo que Bilbo estava destinado a encontrar o Anel, e não por seu artífice [i.e. Sauron]. *E nesse caso também você estava destinado a tê-lo. E esse pode ser um pensamento encorajador*” (TOLKIEN, 2019a, p. 109 e 110, grifos nossos).

O Um Anel, enquanto presente que se transmite, seja como dádiva seja como butim de guerras, age por si mesmo. É sua vontade que prevalece, mas ele pinça no íntimo de seu hospedeiro aquilo que quer trazer à tona, por isso ele é tudo ao mesmo tempo: como presente é um hóspede, mas enquanto tentação ele é um anfitrião. Enquanto parasita e hospedeiro, ele circula (embora demore para empreender a passagem de um dedo a outro), percorrendo uma rede que busca lhe possibilitar empreender o caminho de casa, para o dedo de seu dono original. Ele é súplica e emboscada, convidado e invasor. Neste sentido, como já vimos, o Um Anel está imbuído das discussões do mana anteriormente apontadas. Mas, esta passagem também nos traz uma outra reflexão: embora haja a ideia de predestinação nesta circularidade das trocas que envolve o Um Anel, não é somente o mana maléfico de Sauron que o faz se movimentar, pois como apontou Gandalf, há também uma outra força energética indefinida e concorrente (um mana do bem/divina que também o impregna?) que faz com que este objeto se apresente a Bilbo e, posteriormente, a Frodo.

O Senhor dos Anéis – uma história sobre hospitalidade – explora os efeitos da acolhida do outro e da relação com a alteridade de maneiras diversas. Desde as mais clássicas cenas de hospitalidade – como a estada de Bilbo entre os Elfos – até as mais veladas e interiores – como as hos-ti-pitalidades do Um Anel, todas elas refletem sobre relacionamentos e ética, propósitos e valores. Assim, Tolkien demonstra, ainda em nosso tempo, sua maestria na escrita e na reinterpretação das maiores questões que orbitam ao redor do humano e de sua autocompreensão.

Nesta seara, a trilogia **O Senhor dos Anéis** trabalha a clássica dualidade entre bem e mal, apresentando, como em todo bom mito e em todo bom conto de fadas contado a crianças, o triunfo do bem sobre o mal. Ainda que o Anel tenha sido forjado no mal e para o mal, todo o poder que ele reúne em seu itinerário não é suficiente contra a pureza do bem verdadeiro ou do amor real que há nas amizades

verdadeiras. O Anel revela que em toda a melhor criatura existem motivações ao bem e inclinações para o mal, evidenciando que tal combate de conto de fadas não é, na prática, tão simples assim: não há indivíduos destinados unicamente ao bem e outros destinados unicamente ao mal, mas tais relações se misturam no íntimo de todos. Ao lado da complexidade que o Anel demonstra, no entanto, a obra não deixa de revelar um olhar esperançoso que deposita nas mais simples relações de amizade a fé de que o bem, no final, sempre terá poder suficiente para triunfar. Assim, o Um Anel, no auge do poder maligno que vai reunindo desde Sauron, faz uma escolha muito errada ao subestimar a pureza do coração de um hobbit. A sabedoria que vem do mal nunca é infalível, enquanto o poder da amizade – este sim – é indestrutível. O Um Anel pode ter julgado que seria fácil controlar as inclinações de Bilbo ou Frodo, só não contava que nenhum poder seria maior que a amizade que eles cultivavam para além das soleiras de suas pequenas tocas no chão.

L'HOS-TI-PITALITÉ DE L'ANNEAU UNIQUE :

UNE LECTURE DU CONCEPT DE DERRIDA DANS L'ŒUVRE **LE SEIGNEUR DES ANNEAUX**

RÉSUMÉ

La fraternité de l'Anneau (2019a[1954]), premier volume de la trilogie **Le Seigneur des Anneaux** écrite par J.R.R. Tolkien, c'est une histoire sur le déplacement, le voyage, les hostilités et les hospitalités. L'article suivant réfléchit sur comment sont-ils organisés les rapports d'hospitalité autour de l'un des protagonistes de ce récit, à savoir : L'Anneaux Unique qui se présente comme étant un objet animiste, car il contient le « mana », c'est-à-dire, l'énergie de Sauron – son créateur. Par le biais de l'analyse de certains extraits de l'œuvre de Tolkien, on voit que les principales manifestations d'hospitalité offertes à ou reçues par l'Anneau Unique se rapprochent de ce que le philosophe Jacques Derrida (1930-2004) a nommé de l'hos-ti-pitalité – l'inévitable mélange entre l'hospitalité et l'hostilité qui se manifeste dans tous les façons d'accueillir un étranger. Au-delà de l'œuvre **La fraternité de l'Anneau**, on mettra aussi en évidence quelques extraits du récit qui se trouvent dans la dernière partie de la trilogie, **Le retour du roi** (2019c [1954]), aussi bien que le récit sur

l'origine de l'Unique qui se repère dans l'œuvre **Le Silmarillion** (2011 [1977]). Pour baser les discussions sur l'hospitalité, on se servira des considérations philosophiques de Marie-Claire Grasi, Jacques Derrida e Emmanuel Levinas. On reprendra aussi le concept de hospintrialité développé préalablement.

Mots-clés: Hospitalité. Hos-ti-pitalité. Hospintrialité. Le Seigneur des Anneaux. L'Anneau Unique.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. A hospitalidade. In: _____. **O vocabulário das instituições indo-européias:** economia, parentesco, sociedade. Tradução Denise Bottmann. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1995.

BERNARD-GRIFFITHS, Simone. Rusticidade e felicidade. In: MONTANDON, Alain (Org.). **O livro da Hospitalidade:** acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Tradução Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011. p. 453-470.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces.** São Paulo: Pensamento, 2007.

CASAGRANDE, Christina. **A amizade em O Senhor dos Anéis.** São Paulo: Ed. Martins Claret, 2019.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade.** Tradução Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DE VAUX, Roland. **Instituições de Israel no Antigo Testamento.** Tradução Daniel de Oliveira. São Paulo: Teológica/Paulus, 2003.

DICTIONNAIRE LE PETIT LAROUSSE ILLUSTRÉ. **Hôte.** Paris: Ed. Larousse, 2005.
 FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936).** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

GRASSI, Marie-Claire. Transpor a soleira. In: MONTANDON, Alain (Org.). **O livro da Hospitalidade:** acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Tradução Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011. p. 45-53.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito.** Tradução José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

HYDE, Lewis. **A dádiva:** como o espírito criador transforma o mundo. Tradução Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2008.

MARANDOLA JR, Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de. Geografia e espacialidade na Literatura. **Geografia**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009.

TOLKIEN, J. R. R. **A Sociedade do Anel**. Tradução Ronald Kymse. 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2019.

_____. **O Hobbit**: ou lá e de volta outra vez. 1. ed. Tradução Reinaldo José Lopes. Rio de Janeiro: Harpes Collins, 2019.

_____. **O retorno do Rei**. Tradução Ronald Kymse. 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2019.

_____. **O Silmarillion**. Organizado por Christopher Tolkien. Tradução Waldéa Barcellos. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

REECE, S. **The stranger's welcome**: oral theory and the aesthetics of the Homeric hospitality scene. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1993.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp. 2002.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 2. ed. Rio de Janeiro: 2015.

VENÂNCIO, Mariana Aparecida. **Hospintralidade e Intinerância**: Dão-lalalão e a Bíblia [de] Guimarães Rosa. 2019. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.